



NÚCLEO DE ESTUDOS **SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE** DO IFSP

QUEM SOMOS

O Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade do IFSP (NUGS) é formado por docentes, técnicos e estudantes. Nossa atuação visa ao combate à violência e à discriminação de gênero. Nossos principais objetivos são promover ações que garantam uma educação inclusiva; estimular a produção científica e a participação das mulheres e LGBTQIA+ no campo da Ciência e na carreira acadêmica; acompanhar e propor ações para o cumprimento das legislações referentes às garantias de direito à vivência de identidades de gênero e sexualidade diversa. Com propostas de práticas formativas e informativas, o NUGS tem como missão sensibilizar a comunidade do IFSP, além de contribuir na construção de uma cultura de respeito à diversidade e um espaço educacional inclusivo e plural.

Nesta edição

Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos na Escola

- Do reconhecimento e da resistência
- Transexualidade e esporte de alto rendimento
- Prática antirracista na Educação Infantil
- Representações da AIDS no séc. XXI
- Literatura de mulheres negras e indígenas
- Visibilidade lésbica
- Educação feminista
- Mães pela diversidade
- V Encontro da Diversidade
- NUGS *in live*

Vozes de Luta

- Drag Queen: arte e resistência
- Política é lugar de mulher: entrevista com Denilza Frade

NUGS Indica

Expediente

Elaborado por
Comunicação NUGS

Editorial
Tais Matheus da Silva

Participam desta edição

Adrielle Mesquita, Agnes Souza, Ana Laura Arpi, Ana Luiza Silva, Anderson José de Paula, Catarina Michelone, Cathia Alves, Denilza Frade, Dione Cabral, Erik Ceschini, Hellena Giovanini, Ingrid Marceneiro, Kamili Santana, Lilian Silva, Maisa Fidalgo, Marco Aurélio Monteiro, Marcos Siqueira, Marília Pinheiro, Mayara Cadette, Nicole Maximo, Pedro Trovilho, Rodrigo Cordeiro, Tatiana de Oliveira

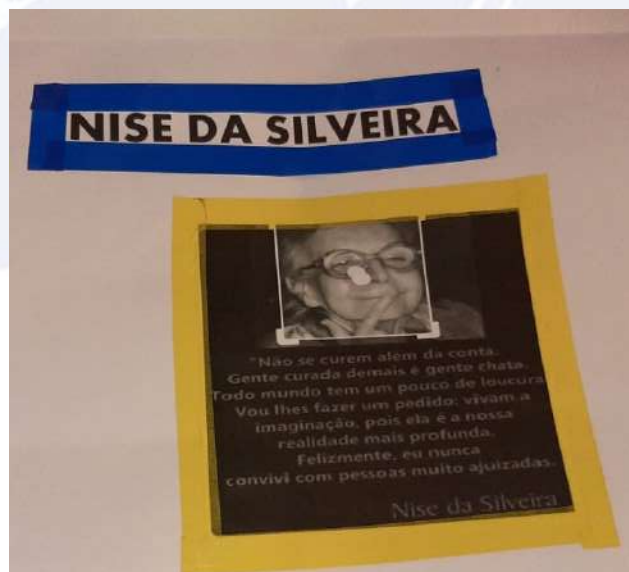
GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

Do reconhecimento e da resistência: atividades do mês da mulher no IFSP/Campus Registro

Profa. Me. Maisa Fidalgo
IFSP - Câmpus Registro

A Comissão da Diversidade do IFSP-Campus Registro se organizou para, ao longo de 2020, lembrar e celebrar mensalmente junto à comunidade temas que abrangem a diversidade e que estão em diálogo com debates correntes na sociedade. No mês de março promovemos algumas ações reforçando a importância das mulheres em diversas áreas do conhecimento e da sociedade bem como os desafios que se colocam nos atuais contextos locais e globais. Essas ações também buscaram contribuir para debates internos da comunidade, alinhadas a demandas e necessidades identificadas junto às e aos servidores e estudantes.

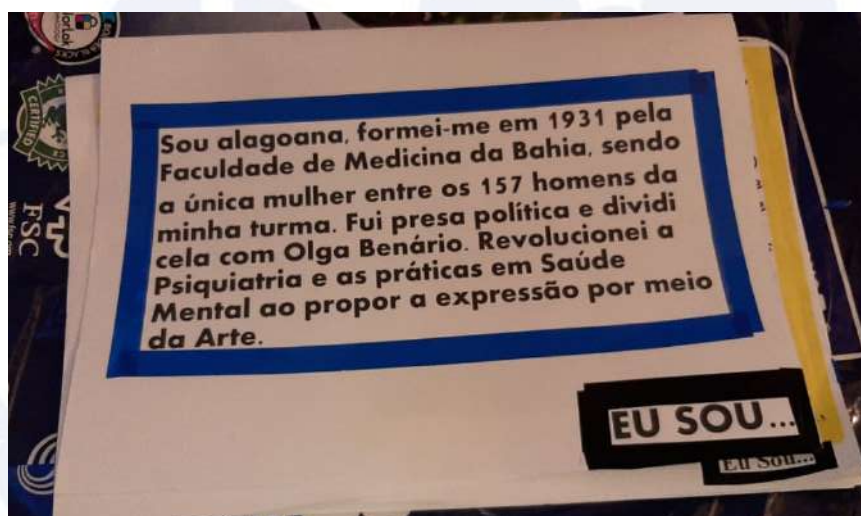
Para que a comunidade interagisse cotidianamente com o assunto, espalhamos pelo campus diversos cartazes como os da foto abaixo para que “descobrissem” a responsável pelas conquistas descritas. Dobrados em formato de cartão, na parte da frente dos cartazes havia uma descrição das conquistas de alguma mulher e, ao abrir, uma pequena biografia acompanhada de fotografia



da cientista, política, arquiteta, entre outras. A proposta foi que percebessem como as mulheres não somente são responsáveis por muitos avanços nas ciências e na sociedade como são também invisibilizadas por isso diversas vezes. A comissão, que reúne docentes e técnicos administrativos de várias áreas, lembrou mulheres que se destacaram de alguma forma: Marie Curie, Marielle Franco, Rachel de Queiroz, Lina Bo Bardi e Nise da Silveira. Esses cartazes foram utilizados por professoras e professores em diversas atividades e chamaram atenção das e dos estudantes que, ao longo do mês, descobriram quem foram e são essas mulheres.

Ainda no escopo dessas atividades, para marcar a importância da data e trazer para o debate a importância

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA



da luta das mulheres e os caminhos a serem conquistados, promovemos no dia 4 de março uma roda de conversa a partir de exibição de filmes curtos, compartilhamento de experiências e propostas coletivas de possíveis soluções sobre o tema “Violência contra a mulher”. Na ocasião, a professora Maisa Fidalgo (sociologia – IFSP/Registro) foi dinamizadora da atividade e trouxe alguns curtas problematizando diversas formas de violência: psicológica, física, moral, sexual, entre outras. Após a exibição, as

e os participantes – em sua maioria estudantes do integrado (sessão matutina) e do superior (sessão noturna) – falaram sobre suas inquietações, dúvidas e experiências e propuseram ideias para o desafio de lidar com essas situações no campus e fora dele. Dentre os tantos assuntos debatidos, concluíram sobre a importância do acolhimento da mulher vítima de violência e do reconhecimento masculino a respeito das violências cometidas. 🏳️‍🌈



Profa. Me. Maisa Fidalgo, Bate papo sobre o combate à violência contra a mulher

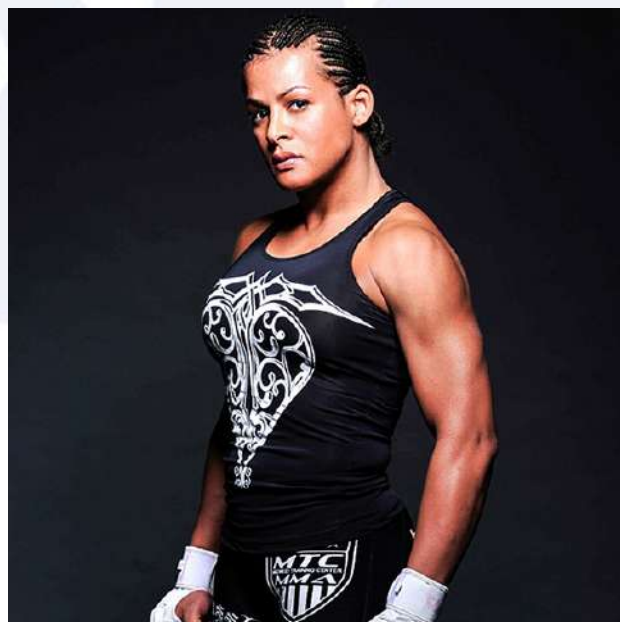
GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

Transexualidade e o Esporte de alto rendimento: um debate (escolar) necessário

Prof. Rodrigo Cordeiro Camilo
Educação Física – IFSP Pirituba

Os esportes não devem ser tratados como alheios a outros temas sociais. São sujeitos que os realizam e questões como racismo, sexualidade e tantas outras, assim como estão presentes em diversos contextos também aparecem na prática esportiva. Esta é uma orientação atual para Educação Física no Ensino Médio e fruto de uma prática pedagógica do Instituto Federal de Educação de São Paulo – campus de Pirituba, com alunos do segundo ano do Ensino Médio Integrado, cursos de Logística e Redes de Computadores.

A experiência pedagógica a seguir foi realizada em 2019, em período anterior à pandemia, às políticas públicas de isolamento social e no contexto de aulas predominantemente presenciais. O percurso de aprendizagem explorou a modalidade esportiva Voleibol, para além da aprendizagem da técnica e estrutura do jogo, teve como atividade didática um debate de ideias cujo tema foi *"a participação de atletas transexuais no esporte de alto rendimento"*.



Fallon Fox, primeira atleta transgênero na história do MMA. Foto: paigegleason2018

Uma pesquisa rápida na internet nos apresenta diversos casos de atletas transexuais na história dos esportes. O ensejo para tematizá-lo no Voleibol ocorreu pelo pioneirismo da participação de uma atleta transexual na principal competição nacional do Voleibol feminino, fato polêmico nas mídias que divide ainda hoje opiniões entre especialistas, atletas, entre outros.

Cada turma foi dividida em dois grupos, sendo que um seria favorável à participação enquanto outro contrário. Após uma aula introdutória do professor apresentando a polêmica estabelecida, alguns conceitos gerais relacionados à gênero e sexualidade, além da estrutura do debate, com rodadas de argumentação, pergunta, resposta e réplica, os alunos tiveram

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

tempo para realizar pesquisas, elaborar argumentações e defesas para explanação em aula.

O envolvimento e dedicação percebida foi alto, em especial de alunos que não gostam de praticar atividades físicas. O tema se aproxima de conflitos presenciados por muitos jovens no cotidiano.

Os argumentos contrários fixaram-se principalmente numa suposta vantagem biológica das atletas, enquanto aqueles a favor enalteceram o direito social ao ser, ao trabalho e à dignidade.

Foi satisfatório observar que a grande maioria dos alunos se colocaram favoráveis à participação, entretanto, entendendo a necessidade de

melhorias nos regulamentos esportivos para que sejam considerados os direitos e anseios de todos os envolvidos.

O debate franco permitiu aos colegas reconhecer no outro que a posição contrária à participação, no modo que se dá atualmente, não necessariamente implica em uma postura homofóbica ou transfóbica.

Avaliou-se que vivenciar um diálogo com argumentação embasada e criteriosa é uma prática escolar legítima num cenário de excesso de informação e generalizações superficiais nas redes sociais, geradoras em muitos casos de preconceito e violência. 🏳️‍🌈



Tiffany Abreu é primeira mulher transexual a integrar a seleção feminina de vôlei.
Foto: Leo Martins/Veja SP

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

Prática antirracista na Educação Infantil

Profa. Me. Lilian Soares da Silva

Sou uma Professora Negra da Educação Infantil, com crianças de 4 a 5 anos de idade, conhecida como a antiga pré-escola. O primeiro cargo foi Auxiliar Técnica de Educação (ATE) na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME/SP), atuando em todas as modalidades da Educação Básica, exceto a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os estágios obrigatórios foram fundamentais para as didáticas, experiências e vivências da prática docente, mas não foram suficientes, porque a teoria é uma e, o dia a dia são outros quinhentos, comigo não foi diferente.

No ano de 2015, sou aprovada como Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, ingressando pela cota para negros e pardos nos concursos públicos e, agora teria a minha própria sala de aula, com atividades criadas e elaboradas por mim. Escrever e planejar parece fácil, mas efetivar o planejamento não é bem assim, principalmente com crianças e é agora que vai começar o relato.

O que seria um dia comum na rotina em sala de aula, tornou-se uma possibilidade educativa e formativa, que a princípio com grande impacto emocional.

Isso porque, ouvir uma criança de 5 anos chamando-a de “Macaca”, não é algo que havia presenciado na Docência ou nos estágios obrigatórios. A primeira reação foi dizer:

- Eu acho que ouvi errado! Ela não deve ter falado isso!

Como já estava no horário do almoço levei a turma até o refeitório, mas a comida não desceu, ficou entalada como uma pedra em minha garganta, não parava de reproduzir aquela cena em minha cabeça e, a voz dela latejava em minha mente:

- Macaca! Macaca! Macaca!

A primeira impressão foi chorar, nunca tinha sentido aquilo antes, não sabia como agir ou como a teoria naquele momento poderia me auxiliar, fiquei mal. Então, para a resolução da violência e discriminação racial começo com uma roda de conversa com as crianças, um menino responde:

- Racismo é crime! E a mãe tem que levar comida e cartinha na cadeia.

Já outra fala:

- Minha avó chama meu pai de negão!

E, assim esta e outras narrativas são contadas pelas crianças, umas atentas ouvindo e outras sem expressar nenhuma reação.

Nesse contexto, a palavra utilizada foi “Macaca”, em outros momentos a questão racial e de gênero também são presenciadas na Educação Infantil, seja quando um menino diz ao presenciar que outro está chorando: -Você é um homem ou um saco de batata?, seja quando um colega fala: - Churrasquinho queimado!, seja quando a família solicita: - Não quero que ele brinque com as meninas! Não quero sentado com elas ou qualquer aproximação com brincadeiras de meninas!

Em suma, o relato de experiência é o resultado de um processo inicialmente de impacto, de transformação profissional e pessoal, mas que construíram uma caminhada e trajetória

na Educação para as Relações Étnico raciais no contexto da Educação Básica e ampliando-se para outras perspectivas na Academia.

Contudo, a prática docente é um reinventar-se cotidianamente, um aprender e ensinar todos os dias, uma transformação de si e do outro a cada ação ou prática pedagógica, não é um manual ou uma teoria pronta e acabada, mas um processo de construção e reconstrução constante.

É fundamental compreender todas as relações formativas estabelecidas e criadas no ambiente escolar da Educação Infantil, ocorrida dentro e fora dos muros da escola, nos quais, os processos de ensino aprendizagem são construídos pelos modelos, exemplos ou atitudes no entorno da criança e de sua convivência social e coletiva diariamente.



Criador: FatCamera | Crédito: Getty Images

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

As Representações da Aids no Século XXI

Prof. Dr. Marco Aurélio Monteiro – Presidente do Comitê para Promoção dos Direitos Humanos, Igualdade Étnico-Racial e de Gênero do Instituto Federal de São Paulo Câmpus de Sertãozinho
Profª. Drª Marília Guimarães Pinheiro – Vice-Presidenta do Comitê para Promoção dos Direitos Humanos, Igualdade Étnico-Racial e de Gênero do Instituto Federal de São Paulo Câmpus de Sertãozinho

O Comitê para Promoção dos Direitos Humanos, Igualdade Étnico-Racial e de Gênero do Instituto Federal de São Paulo Câmpus de Sertãozinho, realizou no fim de novembro e início de dezembro de 2020 o Simpósio “As Representações da Aids no Século XXI”.

O Simpósio foi ao encontro do Dia Mundial de Luta contra Aids, luta essa que se atenta a possibilidade de novas infecções e que se reitera a garantir direitos aos soropositivos vivendo com HIV a terem acesso a saúde, com medicamentos e tratamentos. Luta que reivindica que as vivências das pessoas com HIV não sejam mais marcadas por desigualdade e violência de gênero, muito menos permeada por estigmas e discriminação.

O objetivo do evento foi romper com o silenciamento envolto ao tema HIV-AIDS, fugindo de discursos moralizantes, culpabilizador ou de regulamento de comportamentos dos corpos vivendo com HIV. O que se buscou foi o entendimento do soropositivo para HIV como uma identidade política, como uma resistência frente a construção da norma social.

Para tanto, o Simpósio focou no recorte da vivência e da convivência com o HIV, passando também pelas novas profilaxias, como possibilidade de cuidado e prazer.

No primeiro dia do Simpósio, tivemos a oportunidade de ouvir o historiador, pedagogo, atual administrador na Aliança Nacional LGBTQ+ e membro do Movimento Paulistano de Luta contra AIDS, Marcelino Farias, onde proferiu um “bate-papo”, intitulado “Vamos aprender a conviver com o HIV?” Falando diretamente de Ribeirão Preto-SP, Marcelino se apresentou como um soropositivo para HIV, relatando assim sua vivência desde o contágio até o presente, passando pelos seus medos, inseguranças, apoios, tratamento, relação familiar, namoro. Chegando ao ápice de sua fala que é a grande necessidade de todos e todas aprenderem a conviver com o HIV, de como é importante desmistificar todos os estereótipos envolto a patologia e ao soropositivo, superar os preconceitos em relação a essa doença que diariamente coloca o paciente como um agente de perigo e não um paciente de cuidado.


GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

No segundo encontro do Simpósio, recebemos o infectologista e professor da faculdade de Medicina de Barretos, Guilherme Freire que, de Barretos-SP trouxe à tona o tema sobre “O comportamento do jovem diante do Prep e do Pep”. Guilherme trouxe um histórico da patologia, formas de tratamento e cuidado. Chamou a atenção para a questão social, afirmando que os estigmas sociais e o preconceito são fatores que trazem mais risco de morte ao paciente do que a própria doença, devendo assim ser trabalhado a questão cultural, com a desconstrução de preconceitos, medos e comportamentos punitivos.

No último dia do evento, recebemos o psicólogo, com especialização em Saúde Pública, prevenção IST e HIV/AIDS, ex. membro da Comissão Nacional dos Direitos Humanos do Conselho Federal

de Psicologia, Francisco Gravinis. De Fortaleza-CE, Gravinis proferiu a palestra intitulada “Casais sorodiscordantes para HIV-AIDS: convivendo com a diferença”. Sua fala nos permitiu a orientação de que mais assertivamente se utiliza hoje a expressão sorodiferentes e não discordantes, uma vez que a última pode remeter a ideia de oposto, de inconciliável, de incompatível e se tratando de uma relação seja ela sexual e/ou afetiva a ideia é que as diferenças estejam no plano da sorologia e não do relacionamento. O que para tanto, o cuidado e a prevenção assim, como todos e todas nós temos que ter ao relacionarmos com outro sugere.

Por conta da pandemia da COVID-19 o Simpósio aconteceu totalmente de forma on-line, via plataforma meet, sendo também transmitido pelo YouTube oficial do IFSP-SRT.

O silenciamento sobre o tema foi quebrado para além dos espaços geográficos, com a participação de palestrantes de diferentes regiões do Brasil. Espera-se que as falas se reverberem em inquietações minimizando cada vez mais o silêncio. 



SIMPÓSIO AS REPRESENTAÇÕES DA AIDS NO SÉCULO XXI

**24 DE NOVEMBRO
VIA GOOGLE MEETS**

*Comitê para a Promoção dos Direitos Humanos,
Igualdade Étnico-Racial
e de Gênero do Câmpus Sertãozinho*

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

Literatura de mulheres negras e indígenas

Profa. Me. Tatiana de Oliveira
IFSP - Câmpus Jundiaí

O Projeto de Ensino **“Olhando através do ponto cego da história: o tempo em que vivemos sob a perspectiva de escritoras negras e indígenas”** é uma iniciativa do Câmpus Avançado de Jundiaí sob coordenação da professora Tatiana de Oliveira e organizado pelas estudantes Mayra de Oliveira, Isabelli Alves, Karen Yasmin Santos e Maria Eduarda Raia.

Com forte inspiração no projeto **“Não se gosta do que não se sabe que existe: catálogo de mulheres escritoras brasileiras afro-brasileiras e indígenas”**, coordenado pelo professor **Silas Luiz A. Silva** do Câmpus Avançado de São Miguel Paulista, essa ideia surgiu com o objetivo de valorizar a literatura e a produção teórica de mulheres negras e indígenas, e ao mesmo tempo conectar os textos selecionados com o momento atual em que vivemos.

A metodologia utilizada envolveu reuniões de estudo e pesquisa para a escolha das autoras, seleção dos textos e imersão em suas histórias e conteúdos escritos. E para ampliar a visão sobre os textos, realizamos quatro “encontros literários online” para a realização de uma discussão coletiva.

O cartão de divulgação do Projeto de Ensino apresenta o logo do Instituto Federal de São Paulo - Câmpus Avançado Jundiaí no canto superior esquerdo. O título principal "PROJETO DE ENSINO" está em letras brancas sobre um fundo marrom escuro. Abaixo do título, o subtítulo "Olhando através do ponto cego da história: o tempo em que vivemos sob a perspectiva de autoras negras e indígenas" também está em branco. No centro, há quatro fotos de mulheres com seus nomes escritos abaixo: Cristiane Sobral, Márcia Kambeba, Maria Beatriz Nascimento e Eliane Potiguara. Abaixo das fotos, um texto em uma caixa rosa afirma: "Um projeto que tem sido um espaço de mergulho na cultura brasileira feminina de resistência". Na base, o desenvolvimento é creditado para a Profª Tatiana Oliveira, Mayra Oliveira, Karen Rezende e Isabelli Porto. O e-mail de contato "olhandoatravesdopontoce@gmail.com" está no rodapé.

E assim foi. Realizamos o 1º Encontro em agosto desse ano, quando compartilhamos conhecimentos sobre a autora **Cristiane Sobral** e seus textos **“Pixaim”** e **“Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”**. Cristiane é mulher negra, atriz, escritora, dramaturga e poeta brasileira. Possui longa trajetória de estudo e produção artística e com seus textos nos enriqueceu de forma intensa e provocativa.

Dando continuidade, nos reunimos no 2º Encontro em outubro para discutirmos os textos da autora **Eliane Potiguara** **“Quer ser mulher? Perguntou Deus!”** e o poema **“Oração pela Liberdade**

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

dos Povos Indígenas”. Eliane é escritora, professora, formada em Letras e Educação. Possui vasto percurso de estudo e produção artística, é embaixadora Universal da Paz em Genebra e um dos nomes mais respeitados na literatura indígena brasileira na atualidade.

Caminhando através de pesquisas e diálogos intensos, realizamos o 3º Encontro em novembro, quando imergimos na história da autora **Maria Beatriz Nascimento** e discutimos os textos **“A Mulher Negra no Mercado de Trabalho”** e **“Nossa Democracia Racial”**. Descobrimos, que Beatriz foi uma escritora negra, formada em História, participou da criação do Grupo de Trabalho André Rebouças e dedicou-se ao estudo de temas relacionados ao racismo e aos quilombos, se constituindo como uma das grandes autoras da história do pensamento social brasileiro.



Finalizando esse ciclo de atividades do Projeto, realizamos o 4º Encontro nesse comecinho de dezembro e mergulhamos nas poesias de **Márcia Wayna Kambeba**, através dos textos **“Água”** e **“Covid 19 e os povos originários”**. Márcia é mulher indígena, nascida em uma aldeia ticuna em Bélem do Solimões. Formou-se em Geografia e pesquisa temas do território e da identidade indígena. Como poetisa, reflete e denuncia as contradições do modelo de desenvolvimento urbano-capitalista. Com sonoridade e ritmo pulsantes os textos nos trouxeram fortes reflexões extremamente atuais.

Com esse projeto tivemos acesso à textos e histórias escondidas muitas vezes no “ponto cego da história” que tenta apagar a contribuição das mulheres indígenas e negras para o desenvolvimento da literatura e do pensamento social brasileiro. Foi um grande mergulho na cultura literária feminina, fortemente marcada pela resistência e pela capacidade crítica diante das opressões. 🏳️‍🌈

Para mais informações acesse

Instagram do Projeto:
@atravesdopontocego

Contato:
olhandoatravesdopontoce@gmail.com.

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

Visibilidade Lésbica: o diálogo entre artefatos culturais e classe-raça-gênero

Adrielle Mesquita, Ana Laura Cavalcante Arpi, Catarina Michelone, Nicole Maximo, Pedro Trovilho, Mayara Gomes Cadette e Cathia Alves.

IFSP - Câmpus Salto

O projeto **“Diálogos: Artefatos que atravessam a intersecção raça-gênero-classe”** é uma ação de extensão do Instituto Federal de São Paulo, câmpus Salto. A ação aconteceu em plataformas virtuais, por meio de encontros pelo *google meet*; postagens no *instagram* e no *youtube*. O objetivo do projeto foi associar os artefatos culturais com as questões de interseccionalidade de raça-gênero-classe, abordando filmes, poesias, músicas, seriados, documentários, TEDs, entre outros, que, de alguma forma, tocam nesse tema, para discutir e dialogar sobre questões diversas, conhecimentos e saberes, na perspectiva de ensinar sobre diferença, diversidade, racismo, preconceitos, heteronormatividade, machismo, misoginia, entre outros temas que atravessam essas questões e ameaçam os direitos sociais dos sujeitos.

O projeto Diálogos foi criado durante a quarentena ao unir as ações de extensão: da Banca da Ciência, Meninas nas Exatas, Núcleo Diversitas e Colore



Afro. Surgiu de um momento tenso que vivemos no Brasil e no mundo, considerando a quarentena provocada pelo Covid, o processo fascista que prolifera no nosso país, o aumento das violências e a constante ameaça aos direitos das minorias.

Nesse relato apresentamos a descrição do primeiro encontro virtual, ocorrido no mês de agosto, no qual abordamos a questão da **“visibilidade lésbica”**. Tivemos a participação aproximada de quarenta pessoas, predominando mulheres brancas, adolescentes e estudantes do ensino médio.

Embasamo-nos em cinco artefatos: a poesia **“Luana, Presente”**; os filmes **“Rafik”, “Azul é a cor mais quente”** e **“Amonite”** e o TED **“My two mums (the myths of gay adoption)”**. Esses artefatos foram eleitos pelos bolsistas do projeto a partir de indicações, pesquisas individuais e por tocarem as questões da visibilidade lésbica e a interseccionalidade.

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

A poesia **“Luana, presente”** foi feita pela **Luz Ribeiro** em homenagem a **Luana Barbosa dos Reis**, uma mulher brasileira, negra, lésbica e periférica que foi assassinada por policiais militares no ano de 2016. Retrata o preconceito e a **lesbofobia** que é muito presente em nosso país.

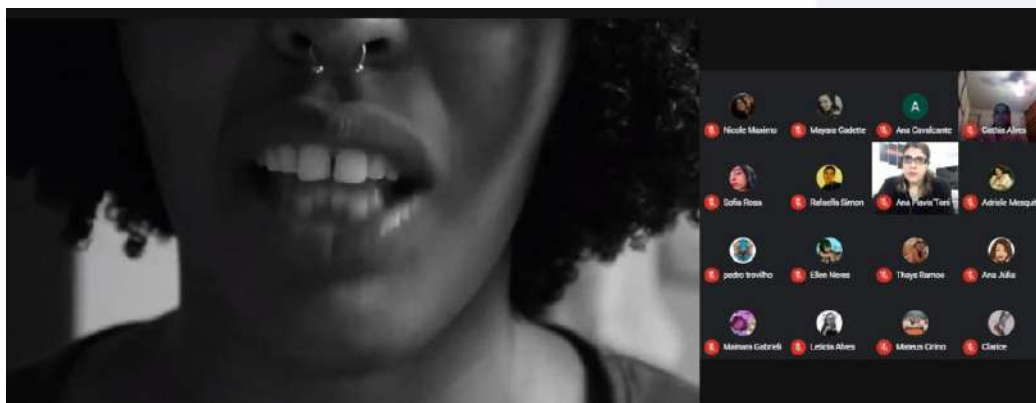
O filme **Rafiki** é inspirado em um conto chamado **Jambula Tree**, e mostra uma África feliz e um casal lésbico igualmente feliz, ou seja, propõe ao espectador olhar a beleza da **cultura africana**, livre das visões racistas e preconceituosas que a mídia normalmente prega.

Para ilustrar as críticas feitas à indústria cinematográfica foi escolhido o filme francês **“Azul é a cor mais quente”**, lançado em 2013. Apesar da representatividade lésbica e sua parte técnica terem recebido até mesmo prêmios, o filme é retratado sob um olhar fetichista e voltado ao imaginário masculino.

O filme **Ammonite**, produzido pelo diretor Francis Lee, conta a vida da paleontóloga Mary Anning, no Reino Unido do século 19. Retrata a intolerância enfrentada por um casal homoafetivo e a discriminação de classe e gênero na sociedade da época. Também aborda a invisibilidade da mulher na ciência.

O TEDx Talk **“My two mums (the myths of gay adoption)”** ou, em português, “Minhas duas mães (os mitos da adoção por casais homoafetivos)”, aborda as facetas sociais e interpessoais que Lynne Elvins e sua parceira enfrentaram em sua jornada para adotar o seu filho Steven.

Consideramos que os artefatos eleitos para o primeiro evento do projeto se cruzam com a temática da **interseccionalidade** e podem ser ferramentas e dispositivos que ensinam e alteram os territórios fixos da heteronormatização e da lógica do patriarcado. 🏳️‍🌈



GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

Por uma educação feminista: uma análise da literatura de Chimamanda Ngozi Adichie

Ana Luiza Almeida da Silva
Marcos da Cruz Alves Siqueira
IFSP - Câmpus Ilha Solteira

Durante a quarentena, uma mensagem chegou no meu celular, era o meu professor **Marcos da Cruz Alves Siqueira** do Instituto Federal de São Paulo – IFSP – câmpus de Ilha Solteira-SP perguntando se eu aceitaria começar uma pesquisa de iniciação científica com bolsa sobre feminismo. Na mesma hora aceitei, me identifiquei bastante com a proposta e tudo o que ela abordaria. Uma semana depois, logo após terminar a parte burocrática de oficialização da IC (Iniciação científica), combinamos um encontro - seguindo todas as normas e medidas de segurança por causa do COVID-19 para discutir como iria funcionar essa etapa, tive muitos livros para ler, que me ajudaram a compreender o tema e deixar os preconceitos de lado. A revisão bibliográfica foi muito além de apenas uma obrigação, foi uma resignificação do que eu achava que já sabia.

Todas as terças-feiras no primeiro mês nos reunimos virtualmente para debater sobre a bibliografia do projeto, inicialmente apresentava slides sobre a obra que guiariam a conversa. Hoje, entendo a importância desses debates,

ler um livro sozinho não é a mesma coisa que discutir sobre ele com alguém, quando se debate, gera novas compreensões sobre o tema que a autora abordou, as suas e as do outro se chocam. Assim é possível aumentar a absorção da obra.

De todos os livros, um em particular chamou a minha atenção, **“Sejamos Todos Feministas”** (2015) de **Chimamanda Ngozi Adichie**, ele foi o segundo que li e o primeiro dessa autora na pesquisa. O que mais me chocou foi o título. Como assim todos feministas? Homens também? Inicialmente, na minha mente só havia uma história que conhecia, apenas mulheres são feministas, o que levou a me perguntar como o feminismo é visto em algumas situações. No início a autora diz: “Tenho a impressão de que a palavra “feminista”, como a própria ideia de feminismo, também é limitada por estereótipos (ADICHIE, 2015, p.05)”, e em seguida mostra um diálogo com seu amigo, “Estava no meio de uma argumentação quando Okolomo olhou para mim e disse: “sabe de uma coisa? Você é feminista!” Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele – era como se dissesse: Você apoia o terrorismo! (ADICHIE, 2015, p.08)”.

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA



É triste saber que essas situações não estão presentes apenas na literatura de Adichie, mas, também no nosso cotidiano, quando chama alguém de feminista como ofensa a uma mulher ou homem por não estar seguindo o papel que a sociedade definiu que seria deles.

No decorrer dos primeiros meses, várias indagações surgiram, dentre elas, uma questão em especial me chamou a atenção: Por que uma pessoa do sexo masculino bate em uma mulher se foi uma que o criou? Resolvi compartilhar com a minha família. Achei a resposta para essa pergunta? Infelizmente não, mas em contrapartida tive mais questionamentos: O que leva um homem a bater em uma mulher? Deixar de fazer as obrigações domésticas? Querem evoluir profissionalmente? Deixar de ser submissa? Essas não foram as únicas, quanto mais pensava sobre, mais me aprofundava no tema. Em um determinado período, outra vez me questionei: Só as mulheres sofrem? Onde fica os homens nessa história?

O machismo na sociedade não tem o papel de gênero definido apenas às mulheres, enquanto elas são mostradas em reportagens sendo agredidas, ele ataca silenciosamente os homens. É importante dizer que o indivíduo que agride não PODE e nem DEVE ter as suas ações justificadas e anuladas por serem resultados de um sistema binário, entretanto, é necessário a compreensão de que esses acontecimentos são resultados desse sistema, e por isso deve haver intervenção que impeça de ter mais vítimas, prevenindo. As perguntas não foram fúteis para a pesquisa, ajudaram a entender um pouco melhor a sociedade em que vivo, mesmo que não tenha conseguido todas as respostas.

Conforme o projeto foi se desenvolvendo, resolvemos delimitar o tema, surgiram diversas perguntas, analisamos todas e optamos por selecionar como questão norteadora: Como pensar uma abordagem feminista na educação? Com base no que já havia estudado e discutido, surgiu o título do trabalho: **Por uma educação feminista: uma análise da literatura de Chimamanda Ngozi Adichie.**

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

Chegou a época de escrever o resumo expandido para o evento estadual, **CONICT**, o processo de escrita foi renovador. Com o auxílio do orientador pude administrar meus pensamentos, melhorando a minha escrita, sendo assim capaz de explicar o por quê da educação binária não ser o melhor método de ensino, visto que ele causa a construção dos papéis de gêneros na sociedade e, dialogar uma possível alternativa, o sistema não binário que deixa de segregar indivíduos por não quererem se encaixar no molde social.

Por fim, o presente trabalho me impulsionou a pensar questões que antes não teria pensado, além disso, pude adquirir conhecimento ao saber o que é um sistema binário e que há a possibilidade de utilizar a literatura de Adichie como orientador de diálogos entre discentes e docentes em salas de aula. 🏳️‍🌈



Grupo Women's Liberation marcha em apoio ao Partido dos Panteras Negras, em 1969 (Reprodução/David Fenton)

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

Coletivo Mães pela Diversidade

Kamili Oliveira Santana
IFSP - Câmpus Pirituba



A então representante do NUGS no câmpus Pirituba, a discente Denise Santana Zemantauskas, a servidora Kamili Oliveira Santana, representando a Coordenadoria de Apoio ao Ensino e a Coordenação de base do Sinasefe, em parceria com a discente da Pós-graduação em Humanidade, Lolita Sala, também representando o Coletivo Mães pela Diversidade, realizaram dois encontros durante o ano de 2019 para organização de rodas de conversa para mães, pais e familiares de pessoas LGBTQIA+. Nas rodas os participantes se apresentavam e contavam suas histórias, compartilhavam suas vivências e falavam sobre preconceito, segurança e respeito. O principal objetivo da ação foi promover o debate coletivo sobre os temas e integrar a comunidade numa rede de apoio.

O Coletivo Mães pela Diversidade é uma ONG paulistana fruto de um encontro espontâneo de mães e pais de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais de todo o Brasil e possui, dentre outros objetivos, promover o debate e o fortalecimento de iniciativas que visem o combate da discriminação contra LGBTQIA+.

Nos dois encontros realizados houve o comparecimento de estudantes de todas as modalidades de ensino e servidores sensíveis e interessados na temática, além de membros do Mães pela Diversidade, todos (as) a beira de uma mesa de café e biscoitos.

Dos encontros formou-se um grupo virtual chamado JUNTES, onde são realizados debates e socialização de temas gerais, experiências, oportunidades de emprego, dentre outros conteúdos, além da formação de uma rede real de apoio segura para compartilhamento de temas diversos. 🏳️‍🌈



ONG Mães pela Diversidade:
<https://maespeladiversidade.org.br/>

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

V Encontro da Diversidade do IFSP - Araraquara

Dione Cabral

IFSP - Câmpus Araraquara

O NUGS, em parceria com o NEABI, promoveu entre os dias 16 e 19 de novembro o seu **V Encontro da Diversidade do IFSP Araraquara**. O evento faz parte do calendário acadêmico no câmpus e é realizado anualmente na semana em que se celebra o dia da Consciência Negra, dia 20 de novembro. Já é uma tradição no campus serem trazidas diferentes temáticas que discutem a diversidade num amplo espectro, além das temáticas sobre gênero, sexualidade, raça e etnia. Os temas são ampliados no sentido da valorização da diferença, quando as diferenças são reconhecidas como potências.

Nesta perspectiva, as atividades são escolhidas de forma a proporcionarem momentos de descontração e incentivo a produções da expressão cultural, reflexões e debates sobre preconceitos e discriminação, discussão acerca de conceitos de direitos humanos e formação para a cidadania ativa. Por isso o título do evento ser **“Encontro da Diversidade”**, porque o que se procura é a relação dialógica entre “diferentes”, num grande encontro onde estas diferenças se convergem.

Em tempos de pandemia, o evento este ano foi totalmente online, mas não por isso menos inspirador!

A abertura solene contou com a apresentação do **“O maior desespétáculo da Terra”**, do **“Circo da Miséria”**, que através do humor e da crítica trata da vida da população em situação de rua.

Já a primeira atividade formativa foi a palestra **“Cabelo, pinga, perfume, Sona e lágrimas: algumas propostas interdisciplinares para abordar a 10.639 em sala de aula”**, trazida por Paula Fernanda de Jesus Cardoso e Carlos Henrique Aparecido Alves Moris no dia 16, quando foram debatidas possibilidades de aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tratam da obrigatoriedade do ensino da História Afro-brasileira, Africana e Indígena nas escolas.

Na sequência, no dia 17 aconteceu o bate papo **“Debatendo a série Sex Education: entretenimento, diversidade e aprendizagens”** com Agnes Cruz Souza, cientista social, professora do campus Boituva e membra do NUGS, que propôs reflexões sobre os diversos aspectos das relações humanas e importância da educação sexual nas escolas, de forma leve e descontraída.

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA



As discussões continuam e no mesmo dia a convidada foi Aniely Silva, coautora da Cartilha “Por que discutir gênero na escola?” e coautora do livro “Educação contra a barbárie”. O bate papo teve como título **“O que aprendi (e não aprendi) na escola”**, que mostrou o quanto a escola pode ser agente de transformação e como, inversamente, pode potencializar discriminações quando não se adota uma postura acolhedora.

A programação do dia 18 começou com um bate papo com a equipe do projeto de extensão do campus Araraquara **“O Beco”** sobre **“Mulheres Negras na Literatura”**, com as apresentações de Claudia Freitas Reis, Cíntia Almeida da Silva Santos e Rafael Borgato, integrantes do projeto, que resgataram diversas autoras negras da literatura brasileira e mundial.

Mais adiante, o bate papo foi com a aluna do campus Araraquara Luiza de Aguiar Alberto, com mediação da professora Joelma de Souza Nogueira-Dalarmi e ainda a participação pra lá de especial da digital influencer Damares Liron, Miss PlusSize São Paulo ABCD, que trataram de desmistificar a corponormatividade na atividade “O corpo gordo e a sua luta contra a gordofobia”.

No mesmo dia, o encontro foi com alunos de convênios africanos - Osires Fernando Ribeiro Nhaga (Guiné Bissau) - Eduardo Carlos Alexandrina (Angola) - Suysia Ramos D'Almeida (São Tomé e Príncipe), numa parceria com o projeto **“Ubuntu”**, do campus do IFSP Matão. Na apresentação temas sobre culturas africanas e interrelações com a cultura brasileira foram destaque.

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA


Abrindo o último dia do evento, foi realizada a oficina **"A miséria e o palhaço vagabundo"** com o palhaço Jeff Vasques, poeta que se formou palhaço a partir do estudo com vários mestres do Brasil e do mundo. Jeff desenvolveu projetos com a população em situação de rua que resultaram no desespetáculo, **"Circo da Miséria"**, e no livro infanto-adultil, **"Psiu!"**, que conta a história de um velhinho em situação de rua, de lua e de luta. A oficina trouxe um delicado debate sobre as origens da miséria em nossa sociedade e como ela se conecta com o surgimento do palhaço vagabundo, como o Carlitos, de Charles Chaplin, ou o Chaves do seriado mexicano.

No período da tarde, o público se encantou com a assertividade e carisma de Vera Rodrigues, antropóloga e ativista que atua em pesquisas sobre populações Afro-Brasileiras, principalmente nos seguintes temas: quilombos, políticas públicas, educação, racismo, relações étnico-raciais e feminismo negro. Esta foi outra atividade em parceria com o câmpus Matão com o título **"Formação e Educação em Tempos de Mimimi"**.

E, finalizando a semana, um tema de importantíssima relevância foi trazido para a discussão através da



apresentação **"Ambiente Escolar: Bullying ou Assédio"**, com Sheyla Gorayeb, professora do câmpus Caraguatatuba que atua em pesquisas em Educação, Ciências Sociais, Precarização do Trabalho e Assédio Moral com recorte de gênero e raça. No bate papo foram trazidos conceitos sobre assédio nas organizações e suas formas de enfrentamento foram debatidos.

O evento terminou com um gostinho de quero mais tudo de novo e todo mundo junto. Esperamos que em 2021 ele possa retomar sua forma presencial, pois acreditamos que é na troca e interação que a sociabilidade se efetiva. Já estamos aguardando! 

NUGS in Live: Diversidade(s), Gênero(s) e Sexualidade(s)

Pedagogo Me. Anderson José de Paula
Hellena Giovanini dos Santos
Ingrid de Almeida Marceneiro

A representação local do Núcleo de Estudos Sobre Gênero e Sexualidade (NUGS), no Câmpus Votuporanga promoveu, no segundo semestre de 2020, de forma virtual por meio de Plataforma de Streaming, o Evento de Extensão “NUGS in Live: Diversidade(s), Gênero(s) e Sexualidade(s)”. Esta Série de Lives foi organizada pelo Pedagogo Me. Anderson José de Paula e pelas estudantes Hellena Giovanini dos Santos e Ingrid de Almeida Marceneiro, ambas do 3º Ensino Médio Integrado em Mecatrônica.

#Live01 - “Por dentro do NUGS e questões de Saúde: humanizar-se”

Primeiramente, o Núcleo institucional foi apresentado à comunidade local pela Me. Dione Cabral, Assistente Social do Câmpus Araraquara e Dra. Taís Matheus da Silva, Professora EBTT do Câmpus Itaquaquetuba, ambas membras do NUGS, que atua em todas as unidades do IFSP.

No campo da saúde, o tema **Setembro Amarelo** foi mediado pelo Psicólogo Educacional Dr. Alexandre da Silva de Paula, que atua na Coordenadoria Sociopedagógica (CSP) do Câmpus Votuporanga, com a fala do Me. Reinaldo Antonio de Carvalho, Enfermeiro e Coordenador da Rede de Saúde Mental do Município de Votuporanga.

O contexto do **Setembro Dourado** foi mediado pelo Pedagogo Me. Anderson

José de Paula, também atuante na CSP, com a fala do Sr. Cláudio José dos Santos Azevedo, idealizador do projeto “Seja um herói, salve vidas”, que incentiva a doação de sangue e medula óssea.



#Live02 - “Saúde da Mulher e a atuação dos Coletivos de Gênero”

Outubro Rosa. A servidora Enf. Esp. Thaís Natalia Leonel Ruís Miani, Técnica em Enfermagem do Câmpus, fez a mediação da fala da Enf. Ma. Karen Fernanda Silva Bortoleto Garcia, responsável pelo Departamento Assistencial da Secretaria de Saúde de Votuporanga-SP, no tocante à Saúde da Mulher.

Direitos da Mulher. Já o Pedagogo Me. Anderson José de Paula fez a mediação das falas das convidadas Profa. Dra. Family Nicácio Nicolete (Coletivo Casa Maria, de Araçatuba - SP) e Dentista Esp. Kataline

NUGS in Live: Diversidade(s), Gênero(s) e Sexualidade(s)

Melhado (Coletivo Ana Por Elas, de Cosmorama - SP). O título da roda de conversa foi "Coletivos de Gênero nas questões relativas ao feminino: história, atuação e desafios".



#Live03 - "Novembro Azul, a Constituição do Orgulho e a atuação da Comissão de Diversidade Sexual e de Gênero da OAB/SP"

Novembro Azul. A servidora Enf. Esp. Thaís Natalia Leonel Ruís Miani, Técnica em Enfermagem do Câmpus, fez a mediação da fala da Enf. Ma. Karen Fernanda Silva Bortoleto Garcia, responsável pelo departamento Assistencial da Secretaria de Saúde de Votuporanga-SP no tocante à Saúde do Homem.

CF/1988: A Constituição do Orgulho. O Advogado Fernando Zanella de Andrade (OAB/SP - 95ª Subsecção Lapa) ministrou

fala sobre o projeto Constituição do Orgulho, que usa o design e as cores da bandeira LGBTQIA+ para destacar direitos que a Constituição Federal de 1988 traz para a proteção dessas pessoas, mas que são violados. O projeto é de autoria da Comissão de Diversidade da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/SP). A comunicóloga Lídia Bizio (Clube Lesbo/SP) fez a mediação da fala.



#Live04 - "Consciência Negra e a atuação do NEABI".

Consciência Negra. O servidor Dr. Alexandre da Silva de Paula, Psicólogo Escolar do Câmpus, fez a mediação da fala da Srª. Fau Ferreira, da Profissionais S/A.

Atuação do Neabi no IFMS. A historiadora Breenda Karolainy Penha Siqueira (Unesp/Marília) realizou a

NUGS in Live: Diversidade(s), Gênero(s) e Sexualidade(s)

mediação da fala dos professores Me. Gilmar Ribeiro Pereira e Guilherme Costa Garcia Tommaselli, historiador e sociólogo, respectivamente, servidores no Câmpus Três Lagoas do IFMS e atuantes no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) daquela instituição.

Atuação do Neabi no IFSP. Breenda Siqueira também fez a mediação da fala de Tatiane Helena Borges Salles, Bibliotecária-documentalista, que atuou no Câmpus Votuporanga e organizou ações de Extensão no campo no tocante às relações étnico-raciais. Atualmente, a profissional trabalha no Câmpus Pirituba do IFSP.



#Live05 - "HIV-AIDS e a atuação dos Coletivos de Diversidades e Sexualidades".

HIV-AIDS. A servidora Enf. Esp. Thaís Natalia Leonel Ruís Miani, Técnica em Enfermagem do Câmpus, fez a mediação da fala da Enf. Esp. Fabiana Gimenes Ferreira, representante do SAE

Serviço de Assistência Especializada de Votuporanga.

Mães pela Diversidade. O sociólogo Dr. Felipe André Padilha realizou a mediação da fala da Sra. Maju Giorgi, coordenadora nacional do coletivo. Liberdade de Amar. Dr. Felipe Padilha também mediou a fala da Psicóloga Máira Rodrigues Braga Nascimento, coordenadora pró-tempore do coletivo.



"A intenção com essa primeira série de Lives foi aproximar a comunidade do Câmpus Votuporanga às temáticas inerentes ao NUGS como forma de torná-la multiplicadora da (in)formação aqui construída", ressaltou o Pedagogo Anderson. Todas as Lives contaram com interpretação em Libras, com participação direta do Professor EBTT Português/Libras Dr. Lucimar Bizio e da TILSP Ma. Priscila Fracasso Caetano, servidores do Câmpus Votuporanga. As transmissões: <http://vtp.ifsp.edu.br/index.php/nugs.html> - na aba "gravações". 🏳️‍🌈

Drag Queen: arte e resistência

Prof. Dr. Erik Ceschini
IFSP - Câmpus Itaquaquetuba

Ela veio até mim com um grito, no começo era um grito longínquo e abafado. Abafado por dúvidas, inseguranças, medos. E mesmo com tantos obstáculos o grito nunca foi calado, tornando-se cada vez mais presente e expressivo. Foi então que parei de lutar, entreguei-me, dei espaço a sua voz e selamos nossa amálgama.

Apesar do seu aspecto *clariciano*, o trecho acima é o mais fiel relato de como Titia (sim, esse é seu nome), uma Sra. Rica, empoderada, de forte personalidade, dotada de uma requintada grosseria, mas com um enorme coração, com o qual ama incondicionalmente todos os seus sobrinhos tanto quanto ama sua sidra de final de ano, chegou até mim. Alíás, Titia é minha persona **Drag Queen**.

Estamos no ano de 2020 e, aparentemente, o termo Drag Queen tem se mostrado cada vez mais acessível e comentado nas diversas mídias e redes sociais, principalmente em decorrência da visibilidade trazida por diversas artistas e programas de entretenimento. No entanto, o universo Drag ainda é um mistério para muitos. Portanto, **separe**



Titia, drag de Erik Ceschini

suas joias, dê aquele trato na peruca, acomode-se em seu lugar e junte-se a mim nessa história que permeia a humanidade por séculos.

Conta-se que o termo Drag tem sua origem nos textos de **Shakespeare**, o qual anotava a sigla DRAG (*dressed as girl*) no rodapé de seus textos para indicar personagens femininas que seriam interpretadas por homens. Não há documentos que comprovem esse relato, mas ele segue como uma das principais histórias contadas pelas artistas. De qualquer maneira, o teatro foi, literalmente, o principal palco para o surgimento das personagens transformistas[1], uma vez que por muito tempo as mulheres eram proibidas de participarem das encenações, cabendo aos homens assumirem as personagens femininas.

VOZES DE LUTA

Esta prática teatral perdurou por muito tempo, sendo recorrente tanto no ocidente quanto oriente. No entanto, no seguimento dos séculos XVII e XVIII as mulheres passam a poder assumir papéis nos teatros e com isso as Drag Queens saem dos palcos para ocupar novos espaços urbanos. Na continuação dos tempos, os séculos XIX e XX se tornam o palco de diversas transformações, tanto em segmentos sociais quanto no mundo das artes e do entretenimento, levando as Drag queens a assumirem novas roupagens e se consolidarem como **gênero artístico**, sendo encontradas desde os teatros até em programas próprios na televisão, internet e plataformas de streamings.

Devido a seu histórico, a cultura Drag encontrou espaço de acolhimento no grupo LGBTQIA+[2], criando laços indissociáveis e junto ao qual se tornou voz e presença de luta em questões sócio-política (Inclusive foram agentes em momentos históricos como Stonewall, a ditadura militar brasileira e os mais diversos eventos do movimento LGBTQIA+). No entanto, é importante reforçar o caráter performático e interpretativo da Drag, ou seja, ela não se caracteriza como identidade de gênero nem como sexualidade. Portanto, qualquer pessoa (seja ela homem, mulher, travesti, cisgênera, transgênera, gender fluid, não binarie, homossexual, heterossexual, bissexual...) pode ter a sua persona drag.

Assim, a **Drag Queen é uma arte performática que se baseia na construção e expressão de personagens** que apesar do seu histórico, hoje já se encontram despida de suas origens shakespearianas e assume uma vestimenta própria, muitas vezes regadas de comicidade, com a qual, brinca, explora, questiona e **transcende o binarismo masculino/feminino** (lembrando que também existem **Drag Kings**, os quais são os personagens que costumam utilizar estereótipos daquilo que é historicamente associado ao masculino em sua construção).

Na verdade, em meio às perucas, vestidos, maquiagem e salto alto, a Drag do século XXI passa a representar mais que uma identidade teatral e adquire um leque mais amplo de importância e significados àqueles que dão voz às suas personagens e também à sociedade. A partir de relatos de artistas que muito admiro obtive que: **Drag Queen é uma arte viva, que flui e que pulsa, expressão da alma e de todas suas cores, é troca, energia e transformação, um conceito e visão de mundo.** A Drag é *queer*, é um exagero e uma potência que dá forma aos sentimentos, um meio de conhecer a si mesmo e a tudo que nos rodeia. Uma arte terapêutica, uma manifestação e celebração das culturas

VOZES DE LUTA

e da diversidade. A Drag é existência, resistência, uma luta e um ato político.



Titia, drag de Erik Ceschini

Mas nem tudo são plumas e belas caracterizações, pois em meio a tantas conquistas da atualidade, assumir a persona Drag é um processo, uma construção que muitas vezes encontra empecilhos devido a diversas formas de preconceito, mesmo dentro da comunidade LGBTQIA+. É como se

fosse um segundo outing. Mas acredito que **respeito e conhecimento** são sempre excelentes caminhos para **combater preconceitos**, rumo a uma sociedade mais justa e igualitária. Com isso, espero que este pequeno texto possa ser de grande contribuição para apresentar e/ou aproximar essa brilhante arte de todos os leitores. Afinal, como diz **Ru Paul Charles**: *"We're all born naked and the rest is drag"*.

Materiais para **montação** [3] do texto e outras sugestões:

AMANAJÁS, I. Drag Queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. Revista Belas Artes, ano 10, n. 28, p. 1-24, 2018. Disponível em <<https://cutt.ly/9hRy87f>> Acesso em 01 de dez. 2020.

BRAGANÇA, L. Fragmentos da babadeira história drag brasileira. RECIIS, n. 13, v. 3, p.525-539, 2019. Disponível em <<https://cutt.ly/whRy5u1>> Acesso em 01 de dez. 2020.

JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Brasília: Publicação online, 2012. Disponível em: <<https://cutt.ly/mhRuq8s>> Acesso em 01 de dez. 2020.

TREVISAN, J. S. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VOZES DE LUTA

Para mais sobre teoria queer:

LOURO, G. L. Um Corpo Estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria Queer -2. Ed.; 3ª. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Alguns filmes que trabalham a temática Drag:

Priscila, a rainha do deserto,
Para Wong Foo: Obrigada por tudo! Julie Newmar,
Cherry Pop,
Kinky Boots.
Divinas Divas.

Alguns programas com a temática:

Drag me as a queen
Nasce uma rainha
RuPaul Drag Race

Para mais closes de diversas artistas (nacionais e internacionais):

<https://www.thedragseries.com/>

(Acesso em 01 de dez. 2020).

Um agradecimento especial a **Profa. Tais Matheus** pelo convite, a todas as incríveis Drags que me ajudaram a constituir Titia e, especialmente, a **Lilith Prexeva, Égua Luka** e **Seelky** por seus relatos. 🏳️‍🌈



Titia, drag de Erik Ceschini

[1] O termo transformista faz referência ao artista que se veste de modo estereotipado (conforme gêneros socialmente estabelecidos) com finalidades artísticas e/ou de entretenimento (JESUS, 2012).

[2] Sobre a sigla LGBTQIA+: <https://catracalivre.com.br/cidadania/glossario-lgbtqia-entenda-cada-letra-da-sigla-e-terminos-comuns/> (Acesso em 01 de dez. 2020).

[3] O termo “Se montar” significa o ato de se caracterizar da sua personagem Drag.

Política é lugar de mulher: entrevista com Denilza Frade



Denilza Frade

Conte um pouco da sua história e como se deu o seu encontro com a política.

Este encontro veio desde cedo, quando aos 15 anos participava da pastoral da juventude católica em Belém do Pará.

Mais tarde, na universidade Federal do Pará atuei no Diretório Central dos Estudantes e no Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia. Neste mesmo período participava da União da Juventude Socialista – UJS/PCdo B, mas logo ingressei no Partido dos Trabalhadores - PT. Então, desde da universidade até hoje sou filiada e atuo organicamente no PT/Zonal do Centro da capital de São Paulo. Após minha formação universitária, ao ingressar no mundo trabalho, passei a ter uma

VOZES DE LUTA

atuação mais forte junto ao movimento sindical. Hoje sou filiada no Sinasefe. Esses movimentos são partes estruturantes de tudo que me constitui como profissional e militante da classe trabalhadora. São por eles que ressignifico diariamente minha percepção de vida e do mundo a qual pertencço. Sou trabalhadora, faço parte da parcela significativa de trabalhadoras assalariadas no Brasil e disso jamais posso esquecer!

Na política brasileira, tanto na esfera da macropolítica quanto na micropolítica das instituições públicas, há muitas mulheres combativas. Contudo, ao compararmos com outros países, essa participação ainda é limitada. Como você avalia a participação das mulheres na política brasileira?

O modelo tardio do capitalismo brasileiro e a permanência por um longo prazo do sistema escravista fez com que todas as expressões de luta da classe trabalhadora demorassem a se consolidar, inclusive muitas dessas expressões foram capitaneadas pela própria burguesia. O protagonismo da luta pela própria classe trabalhadora ainda é uma construção, com avanços e recuos. Os interesses da classe dominante estão sempre se sobrepondo a da maioria da sociedade brasileira. Precisamos construir pontes e canais de participação popular para

VOZES DE LUTA

que a sociedade civil, nas mais diversas representatividades, assuma o protagonismo da luta em defesa dos seus direitos, inclusive do direito de existir. No mais amplo campo da luta, o **movimento feminista tem avançado** suas pautas reivindicatórias, de forma organizada e articulada com o movimento político emergente, como a das **bancadas feministas nos legislativos** municipais, estaduais e federal. Também há outras formas de participação social das mulheres como nos sindicatos, conselhos, comissões e órgãos de representações que vêm debatendo, para além da questão de gênero, pautas que afetam diretamente as suas vidas como a do mundo do trabalho e das condições reais de sobrevivência. Vejo com muito entusiasmo o momento que estamos vivendo no país. Estamos diante de um governo da morte, de um Estado opressor, machista e misógino, o que de um lado é muito ruim, mas, por outro lado, assanha o desejo de mudança e, nesse escopo, as mulheres têm sido fundamentais para corrigir rumos e propor alternativas. Vejam o que aconteceu com o movimento de rua **“Ele Não”**, a **ocupação das escolas públicas do Estado de São Paulo**, protagonizados por estudantes secundaristas. No entanto, ainda vejo que esta participação é tímida, se considerarmos o grande número de mulheres brasileiras ainda subjugadas ao discurso dominante de uma sociedade assentada no patriarcalismo.



Reunião do CONSUP/2019, onde Denilza Frade atua como representante dos TAEs

O quanto a participação das mulheres nos espaços de poder, em seus diferentes níveis, impacta a sociedade?

A participação social das mulheres amplia a capacidade de reação ao modelo dominante vigente. A representatividade da política é importante, mas ela precisa se conectar com as formas de **participação coletiva**. Portanto, participar, para além do direito de decidir, é a forma encontrada que garante maior **visibilidade às pautas de luta das mulheres**. Essa visibilidade é importante como referência real do espaço que outras mulheres podem alcançar, assumindo, com isso, o **protagonismo político** de suas vidas.

Como atrair as mulheres para esse campo e qual é o papel dos partidos, sindicatos, coletivos, e das instituições de ensino nesse contexto?

VOZES DE LUTA



Reunião de Coordenação - PRONATEC

Como já mencionei, a jovem democracia brasileira ainda não se consolidou. A democracia não saiu do papel. Ao mesmo tempo que a constituição cidadã avançou em várias questões no campo dos direitos sociais, ainda é forte o pensamento escravista da classe dominante, a qual se utiliza de todos os instrumentos ideológicos para manter o processo histórico de exclusão social. Como a histórica tem seu dinamismo próprio e o capitalismo se ajusta aos novos paradigmas das correntes teóricas do pensamento econômico é natural que a sociedade crie mecanismos para se adaptar ou para reagir a esta nova dinâmica social. Falo disso porque no limite desses processos as mulheres estão buscando mecanismos de participação efetiva para dialogar e propor saídas que atendam às suas necessidades. Essa dinâmica não é linear. É atemporal, pedagógica e dialética. Ela acontece no conflito de contrários. Por isso, as instâncias

deliberativas da sociedade, muitas vezes, entram em colapso, quando percebem que os movimentos internos e externos possibilitam oportunidades que podem romper com velhas práticas políticas. Estamos vivendo isto com o novo conceito de política, a partir das bancadas feministas, mudando com isso a essência das velhas práticas dos mandatos individuais. Os partidos políticos têm um papel provocativo, desde a sua construção e constituição até a elaboração de leis que exprimem o desejo dos coletivos de mulheres. Outros canais de participação como sindicatos, conferências, fóruns, conselhos, comissões precisam ser ocupados e nessa ocupação garantir a equidade de gênero. O direito de participar é um ato contínuo que precisa ser provocado, constantemente, pela esfera pública. A dupla jornada de trabalho que as mulheres -, principalmente as de baixa-renda exercem-, e o machismo estrutural são alguns dos motivos que as retiram

VOZES DE LUTA

da arena política de participação. Dessa forma, é necessário que os poderes público e privado criem condições efetivas para maior participação das mulheres, desde as condições materiais e humanas, como: fornecer rede de atendimento em Creches para mães com filhos pequenos, sala de recreações, flexibilização da jornada de trabalho, etc.

Do seu ponto de vista, que papel as mulheres poderão ter na permanente construção do IFSP?

O IFSP vem passando por mudanças significativas desde quando se constituiu como Instituto, em 2008. No bojo dessa nova identidade institucional algumas mudanças aconteceram que, de certa forma, ajudaram a reconectar o Instituto com a sociedade diante de um mundo em transformação. Voltando ao tema da participação é condição *sine qua non* a garantia, para o aprofundamento da democracia institucional, portanto, da gestão democrática, de que os espaços de debate, discussão e deliberação sejam ocupados equitativamente entre homens, mulheres e outros. Que os car-

gos de direção e de gestão da alta administração (reitoria) possam ter a representatividade das mulheres. Também é necessária a revisão dos processos na perspectiva de melhorar os procedimentos administrativos e pedagógicos, cujos atos estejam prontos para reconhecer o protagonismo das mulheres e o combate ao machismo estrutural. Por outro lado, a gestão precisa entender que não basta reconhecer esse protagonismo, é necessário criar condições para que seja exercido plenamente, através de fóruns e encontros das servidoras, viabilizando espaços de reflexão sobre as políticas e ações institucionais, principalmente aquelas que afetam diretamente a qualidade de vida no exercício das suas funções. 🏳️‍🌈

Denilza Frade é graduada em Pedagogia (UFPA), Mestre em Gestão e Políticas Públicas pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – Flacso. No IFSP, atua como Técnica em Assuntos Educacionais na PRX, é Coordenadora do Pronatec-IFSP, Coordenadora de Processos Seletivos pela PRE, membra do CONSUP e já foi membra do CONEN. Atuou na implementação do Campus São Miguel Paulista. Tem vasta experiência na área de gestão escolar da rede pública (Prefeitura de SP e Governo do Amapá) e políticas públicas.



Audiência Pública para abertura do Câmpus São Miguel

